

O DESEJO DANÇA NA POEIRA DO TEMPO
(*opereta*)

Nicolau Saião
sobre uma ideia de Almeida e Sousa

(Música e concepção cénica de Nicolau Saião)

«Jehan Rictus disait: *rêvons toujours, ça coute rien*. C'est faux : ça coute bien dur.»

Marcel Delpach

PRIMEIRO ACTO

(Música. Solo de flauta. Um espaço degradado. Há lixo com altura suficiente para se esconderem algumas personagens. Numa banheira está um homem, Thiagus. Parece adormecido e a sua mão segura uma garrafa. Haverá ainda alguns sacos espalhados pelo chão. Um som de voz ecoa na sala. Indistinta. Depois perceptível. A música cessa)

Voz – Como um coice de luz
partem.
A terra espera o mar ao longe
a noite aproxima-se como um corpo nu
contempla
a poeira do tempo.
Deleita-nos
palavra a palavra.
O caminho é penoso
palavra a palavra
palavra
a palavra
palavra a palavra.

(Saem, do lixo, três personagens. Movimentam-se pelo espaço. Agarram os sacos e carregam-nos às costas – vão colocá-los noutra figura os possa agarrar (movimentos repetitivos; depois imobilizam-se. Thiagus leva a garrafa à boca, bebe e espreguiça-se com os ruídos habituais de arfar, roncar, pigarrear...)

Thiagus – Apenas imagens
de portas
de chaves
que abrem outras imagens com
praias e
um carnaval distante.
Portas abertas a paisagens geladas.

(O fumo que se ergue do chão anuncia a chegada da bela Estephania – a sacerdotisa empregada de balcão que, num ritual próximo dum bailado tântrico, nos narra com determinação)

Estephania – Direi um poema sintonizando
ritmos aventuras pouco ortodoxas e
talvez
tudo seja já a obscuridade. E
entredentes
devagarinho
conto-te histórias de bruxas loiras ruivas morenas que sussurram
e inundam de penumbra os sonhos dos poetas, dos bilheteiros
das estações de combóio, dos que comem duma lata a sua merenda
às quatro da tarde
dos que nada têm a perder e nada tiveram a ganhar
os que andam

os que navegam
os que voam
os que param e olham em volta.

(O solo de violino, a que se juntam as flautas)

A cidade
é invadida por pombas brancas e
eu busco o horizonte na fuga sublime, nostálgica
de um pesadelo
De imagens
obscenas
sinistras
belas
com as cores de dentro e de fora
com o norte e o ocidente misturados
com o sul e o oriente entre os meus olhos
para cima
para baixo
como uma criança brincando numa sala deserta.

(Param as flautas. Entram os tambores, em piano)

Thiagus – *(bocejando ruidosamente e espreguiçando-se)* No limiar da construção...

Estephania – *(como que absorta)* Um gesto instantâneo
provoca a paixão.
Vivamos um acto pessoal e único. Um acto...

*(Chegam um junto do outro. Abraçam-se. Depois, lentamente, rolam sobre o solo.
Thiagus ergue-se de súbito)*

(Os tambores cessam)

Thiagus – Que se passa? Perguntavas tu
há pouco tempo
por entre retratos de santos amestrados e diabos sonolentos.
O bulício da cidade onde te passeavas provocante
apaixonada
com os cabelos esvoaçando na manhã
por entre edifícios velhos casas em ruínas ferros torcidos
correntes
engrenagens
rodas dentadas
de transmissão do pensamento.
Vendo-te assim
desatei a rir e
apesar das muitas palavras que se soltavam ainda disse
A mudez dá prazer
O gaguejar alegra a mente e

o pensamento só ou acompanhado
 lhe dará o sentido

Estephania – (*explicativa*) E eu
 desatei a rir e a chorar
 porque de vez em quando vislumbro
 deslumbrada o sorriso
 desse que não está em nenhum lugar
 O dia
 a noite simulada
 um grande espaço em branco onde coloco muitas coisas diferentes.

Thiagus – (*soltando uma sonora risada*)
 Foi por ali ou
 talvez também por aqui
 que a tua figura começou a ver-se melhor. Já reparaste?
 A madrugada vai chegando até nós
 com as suas estranhezas e o seu perfume: cães que passam rente às
 paredes
 homens de grandes mãos adejando como borboletas
 mãos que agarram pacotes, mãos que empurram carroças, mãos
 que limpam o ranho do nariz ou coçam o entrepernas
 mãos que dão estalinhos com os dedos e levam chávenas de café à
 boca
 enfim
 mãos para todos os usos e costumes mãos que são gordas
 como cogumelos
 e são magras como ramos de larício ou de pinheiro
 mãos
 mãozinhas
 mãozecas
Ó mãos, como dizia o outro, vós que tudo podeis ser excepto:
ser pés
ser olhos
ser orelhas
 e muitas mais coisas é claro é natural é mesmo muito provável.

(As três figuras que carregavam os sacos puxam agora cordas num grande esforço. Em resultado deste movimento, entra um pequeno carro (sobrado e quatro rodas) em cima do qual está Brunus. As figuras ficam paradas, pois doravante são o Coro. Começa a ouvir-se uma trompeta. Um espectador sai da assistência, entra nos bastidores e o som da trompeta cessa, ouvindo-se durante uns segundos o ruído indistinto duma discussão)

Brunus – Fico mudo
 a masturbação torna as pessoas surdas
 disse-me um dia
 o padeiro.
 O cura
 olhou-me e suspirou baixinho. Meu filho, repara
 pensar

leva ao inferno a não ser
 que ponhas esta medalhinha por cima do coração. Leva a duvidar,
 disse o padeiro
 de novo
 enquanto metia no saco de linho meia-dúzia de carcassas. Mas o pior,
 disse o cura, ao
 mesmo tempo que tirava dum prato em cima do balcão um bolo de creme
 é que deixas de conhecer pai e mãe, gato e cão, sardinha e carapau. E desataram
 os dois a rir, e nessa altura apareceu-me uma navalha na mão
 e despertei coberto de suor.

Estephania – (*indicando coisas imaginárias no chão*) Vês? Este aqui é um cavalinho de brincar. Isto é um apito. E este aqui é o teu tamborzinho azul e amarelo. Lembras-te quando te levavam à Feira todo vestido de novo e penteadinho como um anjo?

(*ri docemente*)

No jogo da vida e da morte
 é bonito usar os acidentes quando a natureza os oferece e
 disse cá para comigo
 o meu leito está cheio de gente e
 quando tudo faz sentido
 vale muito mais que um chavo. (*Torna-se nostálgica*)

Ali era a salinha modesta

onde as tias costuravam debruçadas sobre tecidos de muitas cores. (*Baixa a cabeça, como que vencida e destrozada*)

Coro das 3 figuras – Só muito mais tarde
 é que iria estar frio
 apesar do corpo quente dela.

Brunus – Não havia aquecimento.
 Então eu...

Coro – (*num tom de cantochão*) Os curas
 são contagiosos
 Os padeiros são maviosos
 Os bolos são deliciosos.
 O céu cheira a rosas mesmo se nos peidamos.

Brunus – (*dirigindo-se ao público num tom coloquial*) Estava frio compreendem? Eu tinha ido ao cinema nesse dia, um dramalhão de cortar à faca e foi nessa altura que comecei a pensar: se dois e dois são quatro, porquê impedir-me de sonhar com praias repletas de mortos? Estão a ver? (*Num tom brejeiro*) Amandei-lhe um olhar de derreter pedras, mas... a menina fez-se esquiva, tás a ver? Olha lá ó minha nossa senhora do não-me-toques (era eu a jogar ó duro) afinal vamos ó na vamos, atão mas ist'é como na tropa?

(*formal, com uma voz educada e culta*) Lembrei-me dos meus vinte e cinco anos.

A baixela com um lindo desenho de barra azul com florzinhas amarelas

A toalha a que o primo costumava limpar os dedinhos manchados de chocolate

O meu tio suspirando como um fole de ferreiro

de carpinteiro

de ladrilhador (*com grande intimidade, fazendo um gesto cúmplice*)
 E foi então que
 eu e ela resistindo
 encolhíamos e
 quando tudo ia fazer sentido
 veio a guerra e puf
 nicles batatóides
 nada de nada
 niente
 não há cá rien de rien
 Então uma grande nuvem escureceu por cima
 e um anjo com uma espada de fogo apareceu à esquina.

Coro – (*tom de música de missa*) E se for entendível. E se for perceptível. E se for razoáááável.

Brunus – É outra coisa
 diferente
 Se entendo
 é outra coisa
 estou a ficar mudo e
 ali é o continente misterioso
 disse cá para comigo
 com esta
 fiquei siderado
 Sim
 entendo perfeitamente
 ainda não estava acabado
 ela deixou-me sobre um muro
 como um craveiro florido, um bichinho de conta, um guardanapo.

Coro – (*como que explicando*) Na cama, com o frio, os pensamentos afluem mais facilmente

Brunus – (*com tristeza*) Pensei muitas vezes em viajar. Ir a Londres, Paris, Viena. Mas qual quê... A camioneta parava sempre no mesmo larguinho – estão a ver, aquele com uma porta de taberna com uma placa por cima que dizia que ali se vendiam selos de correio... De modo que pensei cá para comigo: e se eu transformasse isto tudo numa reflexão que nos servisse a todos de emenda? Ou de soneto, porque tudo vai e vem quando menos se espera. E de repente...

Estephania – E de repente...

Thiagus – Nos hipódromos as coisas começaram a correr mal. Os cavalos paravam de súbito, com os olhos no ar, como se procurassem qualquer coisa. E os jóqueis começavam a chorar, como se por fim tivessem compreendido tudo...

Brunus – À entrada de um café, dois indivíduos mutuamente desconhecidos desataram à chapada.

Estephania – Mas o mais engraçado de tudo foi que num salão nobre durante uma cerimónia oficial o presidente da Câmara borrou-se nas calças ante o horror e o espanto das entidades oficiais!

Coro – Aquilo é que foram uns tempos! Duas freiras, num jardim público, começaram a ler Shakespeare com mútuo proveito.

Brunus – E um general comprou um giz branco num estaminé e riscou o uniforme de alto a baixo. Não sei se estão a ver: riscadinho, como um quadro-negro ou a face dum guerreiro apache!

Coro – (*cantando com ternura*) Chove
 Cai a aguinha
 A aguinha do céu
 Do céu dos parais
 E nas ruas dlin dlon
 As pessoas passam
 atarefadas
 nos seus jogos
 sérios e melancólicos
 e uma brisa vinda
 dum poema
 muito poema
 muito homenzinho
 transforma-se num pequeno
 animalzinho peludo
 que foge e se esconde
 sob uma cadeira.
 Dlon dlon, dlem dlem
 A mosquinha voa bem
 Dlem dlem, dlon dlon
 Esvoaça sobre o som
 Que faz saber o que é bom
 A um povo sempre mudo
 Sem rei nem roque nem dom
 De saber transformar tudo.
 No Entrudo!

Estephania – Ai sim, ai sopas, quem vier atrás que feche a porta. Lembras-te do primeiro dia de escola?

Brunus – Eu disse mais coisas, entre as quais esta: porque é que os políticos, em parte, são ladrões e trapaceiros? E mais: porque é que a natação põe as pessoas mudas e a leitura de jornais provoca doenças de fígado e a ida aos grandes rios que correm pelas florestas sombrias nos deixa na alma uma sensação de desespero?

Thiagus – Foda-se! E ela?

Brunus – Respondeu-me em espanhol: *me cago en tu leche*. Sem tirar nem pôr... E quando lhe peguei na mão olhou-me com infinita tristeza, como se eu lhe tivesse tirado

qualquer coisa muito preciosa. Tinha as faces excessivamente rosadas, tal qual como se tivesse tido...

Thiagus – Um pensamento estranho ou um...

Brunus – Sim. E note que trabalhava num laboratório, acho que era qualquer coisa assim como ver se as comidas estavam passáveis... (Música de flauta em surdina)

Thiagus – *(com um ar preocupado, mudando o tom de voz)* Assim não pode ser, senhor Saraiva. Você tem a certeza de que ele destruiu os papéis?

Brunus – Tenho, senhor director. Infelizmente tenho... E dei com os dois, ele e o juiz, numa conversa muito íntima. Quando viram que eu me aproximava, calaram-se. Acha que é caso para comunicarmos superiormente?

Thiagus – Acho que sim... Diria que é mesmo imprescindível! Mas... se a coisa vai aos ouvidos de...

Brunus – É o diabo, senhor director! E não há possibilidade de ser nomeado outro juiz, um que não seja corrupto?

Thiagus – Cale-se, Saraiva, por amor de Deus! Não fale em corrupção, que as paredes têm ouvidos. A possibilidade é apenas conseguirmos chegar ao primeiro-minis...

Brunus – *(interrompendo-o firmemente)* Shiiiiiu lhe digo eu agora, senhor director! Não fale com ninguém... ou estamos fritos! Eles têm assassinos a soldo, homem! Pela saúde dos meus filhos, temos de nos calar bem caladinhos...

Thiagus – Mas não seria má idéia fazermos chegar os papéis que não conseguiram destruir a alguém da Oposição...

Brunus – Não seja ingénuo, por amor de quem lá tem! Vamos mas é calar-nos que nem ratos. Aparentar desconracção. E, se possível, metermos a reforma mais cedo... e irmos para o estrangeiro...

Thiagus – A vida é uma porra, Saraiva...

Brunus – A quem o diz, senhor director! A quem o diz! *(Entram violinos, por uns segundos)*

Estephania – *(muito terna, para o público)* Foi então que eu percebi que por ali não ia a lado nenhum. A questão do cura, a questão do padeiro panasca que um dia lhe quisera abafar o pirilau... creio que me faço entender. No dia seguinte, quando descia a escada, ouvi um grande barulho e dois tipos aos tiros abateram uma vizinha que por azar se metera no meio. Negócios de vigaristas que se tinham desentendido e tudo acabou em mal.

Coro – *(cantando em estilo de zarzuela, a que a música, mudando, dá o arrimo)* Os curas e os padeiros
são como vírus

Contagiosos e muito puros
 simpáticos
 uns companheiros
 sempre prontos prá folia
 ervas crescem-lhes no lado norte
 têm um miradouro no centro
 uma fonte perto das escadas
 Os curas são pau p'ra toda a obra
 São amigos do seu amigo
 trazem blusas de linho
 cobrindo-lhes os seios
 Os padeiros são fenomenais
 são bons remadores
 rosas os coroam pela tardinha
 e dão um porco a quem lhes dá uma sardinha.

Brunus – Bom, bom, deixe lá os detalhes. O que eu queria saber é porque é que o meu amigo não arranjou emprego por exemplo numa empresa de arquitectura, ou meteu os papéis para o funcionalismo público. (*A música cessa*)

Coro – (*em voz normal*) Isto é o êxtase
 todos procuramos o êxtase e
 quando se experimenta uma vez
 sempre se procura
 a exaltação
 essa que te faz levantar
 correr sem destino
 ser um gato pequenino
 e ter o mar na mão

Brunus – Eu disse
 o meu leito está cheio de gente
 não havia aquecimento
 ela perguntou
 que te parece
 eu ri
 porque estava mudo
 ela fugiu com o padeiro o cura e dois oficiais de finanças
 e eu chorei.
 Valeu bem a pena
 tinha cá um parzinho de pernas
 queria passar à eliminatória seguinte
 ainda podia ser campeã
 de voleibol basquetebol
 mas o destino não quis
 e ficou sempre a ver navios
 numa pérgola junto à praia
 enquanto os aviões sulcavam mansamente o firmamento sobre a serra
 lá onde os fantasmas se acocoram
 para melhor verem o paraíso.

Apraz-me pensar que ela fugiu quando o céu
 lá fora
 caía apodrecido e
 eu gritava
 gosto do cheiro dos castanheiros disse-lhe eu
 e quando o assassino arremeteu contra mim
 com o facalhão em riste
 perguntei a mim próprio
 enquanto lhe metia um balázio na pinha
 porque teremos nós de guardar as recordações
 fechadas a sete chaves
 num pequeno baú escondido debaixo da cama.

Coro – Para os curas isso é muito agradáááável!

Brunus – Chiça! Lá vem ele outra vez com a merda dos curas. Será um anticlericalismo primário? Duma vez por todas: eles são animistas, têm uma relação muito forte com a terra e o brilho da Lua. Eles são amáveis e puros como os lobinhos aos dois meses. Eles têm em volta do corpo grandes extensões de pomar com laranjas e maçãs reinetas.

Coro – Eles fazem sexo virtual com as auroras e os dias bissextos. E não me venha com mais histórias desse jaez. Entendeu?

Thiagus – Mas poderia ter dito
 gosto muito mais de ti
 que de castanhas. O amor
 não deve dispensar a fantasia. Quando tudo nos foge
 sigamos em frente ou na retaguarda como os animais e os condenados
 pois é essa a nossa força para a imortalidade.
 O amor
 o escrever
 é como
 um tacho de sopa
 nem mais
 um tacho de sopa de grão
 com os paladares todos no sítio
 ou então um pulo na direcção da sombra
 numa tarde de Sábado
 quando o vento sopra mansamente na Gardunha.

Estephania – (*irónica*) O discurso que improvisei era uma relação com a vida
 mas podia ser qualquer outra coisa
 seduz-me pensar com
 a pele
 a febre
 o cheiro
 o sabor

isso tudo
e quando o meu leito está cheio de gente
é que eu vejo como os minutos são como aparas de madeira
pedaços de papel pintado
velhos tecidos amarfanhados. *(para um dos do coro)* Já agora, pá
dás-me aí um cigarrinho?

Thiagus – É uma contadora de histórias efémeras e todavia actuais!

Brunus – Ora vai cagar. A honradez não te diz nada e então ultrapassas a questão com um abismo de incertezas. Em volta, gente passava, infeliz como sempre, com um sorriso ameno que cada vez é mais breve.

Estephania – Acontece antes de dormir quando
faz frio lá fora
quando chove ou faz um calor infernal e então
apraz-me pensar
que afinal, quando passeávamos pela rua era tudo verdade.

(Música: o solo de flauta. Lírica, a seguir agitada. Vai escurecendo)

(Fim do primeiro acto)

SEGUNDO ACTO

(Uma sala vulgar: duas cadeiras, uma mesa de castanho, um espelho redondo de meio corpo. Brunus sentado à mesa, Thiagus deambulando pela cena. Os tambores e a trompete, que executam o seu intermezzo)

Thiagus – *(como se recitasse uma lição)* Foi tudo utilizado como meio só como meio para a libertação do homem como um abismo de incertezas e porque o infinito acabou
- é agora outra coisa:
a pobre velha gorda e depois magra que ao fim de tantos anos desapareceu e nunca mais haverá outra como ela. O homem que dizia este é o meu testemunho gostava que tudo ficasse dentro duma interrogação. Ombro com ombro as letras acumulam-se e são uma realidade duas realidades ou mesmo três realidades. Se me permitem, meus senhores minhas senhoras vamos agora fazer um bocadinho de drama. Imaginem uma sala com algumas floreiras, duas poltronas, três cadeiras um aparador, uma mesa e dois homens vestidos de cinzento. Mas o primeiro usa calças escuras e o segundo veste camisa azul clara como se vê nos desenhos. *(Ligeira pausa)*

Brunus – Mas tem o meu amigo a certeza de que não havia ninguém no quarto? E então como é que o assassino teria entrado? Diz você que ele tinha a cabeça aberta e as goelas cortadas?

Thiagus – O senhor inspector vai desculpar-me, mas é mesmo assim. Aliás, àquela hora da noite o corredor estava inteiramente deserto. E a senhora estava já recolhida ao leito, no quarto que ocupava mais à frente. Ouvia-se um ruído como que de um martelo no sótão, mas vá-se lá saber...

Brunus – O que acho de mais interessante no teu discurso é a utilização de expressões primitivas.

Thiagus – Mas não tem de que se queixar, afinal também andou na vida airada...

Brunus – É que sou de uma ilha onde o mar é mais azul mas emudece-me pensar assim sempre me pareceu difícil a austeridade quando assistindo às investigações eu mergulhava nesta aparente calma. De aqui resulta muitas vezes o testemunho irrefutável da bárbara e pertinaz incultura Com tantos antecedentes parece que o imprevisível nos leva a um resultado que não esqueceremos com facilidade Direi mesmo cá para comigo

agora é que ela se foi
para o caraças
apraz-me pensar que está feliz
então
olho o céu e digo
chove... *(pequena pausa)*
Hum... hum! E quanto a impressões digitais?

Thiagus – Apenas as necessárias.*(Olhando em volta, com certo medo)* O martelo fez um belo trabalho. E o navalhame também não esteve nada mal. *(elevando a voz)* O senhor inspector deseja visitar a cave?

(Faz-se escuro a pouco e pouco. Depois, quando a cena se ilumina de novo, Thiagus reentra sózinho, esfregando as mãos e senta-se à mesa)

Thiagus – *(dirigindo-se ao público em tom coloquial)* No jardim das traseiras existem canteiros de ervas aveludadas e arbustos jovens onde vos seria grato passear. Pequenas estátuas de cupidos bicéfalos e de atletas gregos em poses diversas retratam imagens carregadas de saber universal. O silêncio pesa e os personagens imaginados, em movimento, muito lentamente, abandonam o espaço – dão lugar a um vazio imenso. Sejamos astuciosos como pássaros e cautelosos como crocodilos. O trabalho é o trabalho e quando é assim não há que hesitar. *(entra Martim)*

Martim – Ao romper o silêncio, a vida corre... corre ao encontro da morte inevitável.

(A luz baixa até ao escuro total. No escuro.)

1ª voz – A percepção do centro e da periferia...

2ª voz – A pele, a tua pele sedosa, desmantelava as mais belas resoluções!

1ª voz – Não há pachorra...

2ª voz – Aproximaste-te numa atitude quase doméstica. Adivinhava-te o olhar como uma flecha apontada à figura!...

1ª voz – E cresceu o desejo de sentir a impalpável presença da loucura.

2ª voz – E foi então que ao meter a mão no bolso senti o frio do metal.

A luz acende-se de repente. Um biombo cai, Margarida está de pé no centro.

Margarida – Estamos perante uma pura eficiência expressiva, sem quaisquer complacências...

Martim – Como?

Margarida – Não há prosa de menor duração que a lírica.

Martim – O que dizes é tão intenso... tão humano...

Margarida – (*abraça-o*) Todavia armado com a seriedade de uma sátira.

Martim – Pode ser... Com sete “ameixas” dentro e silenciador...

Pequena pausa.

Martim – Os teus desejos projectam-se na pessoa que eu sou. Os teus desejos aproximam-se como insectos atraídos por uma fonte de luz. Já alguma vez disparaste a curta distância, fazendo pontaria entre os olhos? Onde escondeste os remorsos?

Margarida – E os teus?

Martim – Ainda se encontram do outro lado da porta.

Margarida – Posso abri-la se o quiseres.

Martim – Peço-te. Não o faças. Dá expressão a esse território adormecido nos meus sonhos, esse território onde me sinto cómodo, completo... (*Pequena pausa*)

... Então o sábio Enoque escutou o relato e mandou o velho Matusalém de volta. Matusalém era o portador de uma notícia alarmante – o grande juízo punitivo atingira a Terra e a humanidade. Toda a "carne" iria ser aniquilada, por consabidamente ser suja e perversa.

A cena escurece até à penumbra ao som do canto de um rouxinol.

Coro – Naquele território dominado pela aparente frieza

Martim – (*coloquial*) Não sei como é com vocês, mas eu tenho uma preferência especial pelo Colt 38.

Coro – Desamparadas estâncias sempre vazias emanam ideias de locais desdobrados ocupando o centro

Martim – E se o assunto demorar recorre-se à navalha de Alpacete das legítimas, ao amanhecer. Fere-se de baixo para cima, com o dedo sobre a lâmina...

Coro – O mar ao longe como se fosse o deserto, como um perfil debaixo do arco escurecendo sob o sol de maio

Martim – E para os casos espinhosos o melhor é um golpe de cima para baixo na jugular quando os gajos estão distraídos. É limpinho... (*A cena ilumina-se de novo. Margarida já se foi*)

Coro – Das torneiras pingam vagarosamente fios de água que o desespero parece coagular. Elas –
não as palavras
mas o resto
abraçam-se longamente
enquanto devoram o mel que escorre pela madrugada

Martim – Estão a ver o meu ponto de vista? (*Rapa de um pistolão e abate limpamente um dos membros do coro, que cai de costas desamparado*) Com gente desta todo o cuidado é pouco. Vão por mim: é fogo para cima e alma até Almeida! Se não tosquiássemos uns quantos, qualquer dia faziam-nos crescer orquídeas debaixo dos sovacos... (*Sai de cena com um andar todo airoso, como se fôsse um duro de cinema*).

(*Entram em cena Estephania – que subiu para o carro – e Brunus. Acariciam-se, enquanto Thiago escreve sentado à mesa.*)

Thiago – (*lendo o que escreveu*) Em cada semente
que cai no tapete
eu vejo o princípio
de novos céus e nova terra. Medito
em como ganhar-te
como possuir cada parte obscena de ti
cada bocado do teu corpo. (*Vira e revira a folha. Em tom coloquial, para o público*) E
anda um homem para aqui a ganhar a vida e a aturar estas bacoradas... Não sei porquê,
mas temo que até ao fim desta merda ainda cometa alguma loucura...

Brunus – Até ao gume da mais fria espada do Senhor
os nossos corpos na espessa noite
até ao gume
até ao gume
face a face
os nossos corpos como dois arbustos
no horizonte

Estephania – Até ao princípio
os corpos nus e plenos de desejo
brilham num acto de posse
como no fim

Brunus – Na desordem deste amor
o vento devora as palavras
os pássaros do meio-dia gritam na nossa carne
profundamente

Thiago – O teu sangue é um
signo que me devora. O teu chapéu, pelo contrário, é um pedacinho
do paraíso que pode encontrar-se à venda nas melhores casas da especialidade e se não
encontrar encomende para...

Estephania – (*distraidamente*) Tás aqui tás a levar com a malinha na tromba...

Brunus – Sinto as mãos
que deslizaram suavemente pelos meus ombros nus e
sinto a voz
trémula pelo desejo
A resposta tarda

o espasmo chega mais cedo
e todo o horizonte se iluminou. Resta saber (*coloquial*) se o Criador
fez chegar à criatura o seu intento, porque nestas coisas nunca é demais
exigir a garantia e se possível por cinco anos não vá o azar acabar com
as peças sobressalentes

Estephania – Na vertigem da noite
lacerada de gargalhadas o desejo dança

Brunus – Onde se cultiva o arroz, por vezes as coisas têm pesadas consequências. (*Pausadamente*) Podia contar-vos aqui uma ou duas histórias que... não sei, mas em casas que por vezes nos parecem acima de toda a suspeita... hem, hem! Mas cala-te boca...

Estephania – No horizonte
vêm-se figuras que pouco a pouco se aproximam. Umas vêm modestamente, são
pequenas e escuras, vestem mal e têm na cara leves estremecimentos. Outras são mais
altas, mais fortes, mais belas, cheiram a estranhas essências, e às vezes
um vento
cheio de objectos em desordem toca-lhes no rosto carinhoso
como muitas palavras de amor.

Thiagus – (*deita-se*) Enquanto os outros se desenrascam deixa-me cá ir passando p’las brasas.

Estephania – O teu olhar pode trair os teus intentos, mas o teu coração permanece firme e nem a surpresa de veres que o Céu nos rejeitou te faz tremelicar como um velho baboso assistindo a um concerto num salão de nomeada. Apesar de saberes que sou uma puta, nunca te propuseste levar-me ao altar e agradeço-te por isso. Quando abandonei as minhas moradas, senti que jamais regressaria e, portanto, olhei tudo com uma dor renovada e uma atenção definitiva e letal...

Brunus – E as orações chegavam até nós como sopros de um esquisito vento matinal. Íamo-nos afastando de terra com um aperto no coração. Um de nós – creio que fui eu – ajeitou a pistola para a ter mais à mão.

Estephania – Morrer é uma escolha que não se pode impor. Morrer mata-nos e, por vezes, somos mais que anjos, temos no rosto canções mais chatas que as daquele poeta que também é ministro ou coisa assim.

(Thiagus ergue-se num salto)

Thiagus – Perdi o rasto do meu futuro
perdi a esperança de morrer em paz com a minha morte
os meus sonhos trocaram-me
por corpos que se desenhavam nas paredes
no espírito

Estephania – Numa pincelada rápida e pastosa desenha-se

um rosto
de olhos profundos

Brunus – Ao longe alvejam igrejas abobadadas
tão antigas como a vertigem. Em volta
um silêncio devastador. *(Saem os três)*

(Entram figuras que desenham com os corpos movimentos pouco ortodoxos. Sentam-se depois no chão)

Primeira Figura – Encontrei os olhos
deste olhar que me devora
Tornei-me na máquina infernal em que se acham os medos
E os meus pensamentos morrem aos milhares. Tenho por dentro
muitos países desconhecidos

Segunda Figura – Cabelos de ouro cruzando o ar
bordam as órbitas dos planetas futuros. Outros lugares comuns, pelo contrário,
cheiram a terra molhada, a sopa de feijão, a animais mortos

Primeira Figura – Há manhãs em que a luz se veste de lavado
como um guarda-nocturno aos domingos. Há mãos que percorrem manhãs inteiras
escondidas num bolso
e corpos que se comem como se fossem amendoins

Segunda Figura – Sinto-me hoje mais negro
que uma manhã de Verão.
A minha vida está cheia
de pequenas loucuras variáveis
de cheiros e de olhares suspeitos

Primeira Figura – Olha o outro lado
Sente-o e imagina-te
numa torre de paredes revestidas de retratos
ali onde as pedras têm nomes
inscritos pelos amantes
Tal como entraram, vão saindo agora – muito suavemente. *(Saem, a cena fica deserta)*

Estephania – *(entrando cheia de ritmo, vestida de sevilhana e acompanhada pela música de um pasodoble que cessa assim que ela começa a falar com muito siso)* Vão-me desculpar, mas tenho de desfazer um engano: aquele rapaz que anda por aqui juro-vos que não o conheço de parte nenhuma. Um belo dia apareceu-me à porta do emprego e disse-me sem mais nem menos: não fui eu que o matei, nem sequer o conhecia. Fiquei parva! Nem lhe respondi e o gajo, zás: quando te vi pela primeira vez, senti que a minha vida tinha mudado. E desanda-me sem mais nem menos, ora toma, fiquei p'ráli especada, chiça, o tipinho deve ser mono, ou coisa assim. Nessa altura andava eu com um rapaz da polícia, o Tony, aquele vocês sabem, do bigode, um gajo porreiro, ainda lhe disse: ó Tony, e tal e coisa, chapei-lhe tudo. E o Tony: anda, minha parva, não penses mais nisso, com voz de galo assim pró rouco, grrrrr! Já viram a estrila?

Brunus – (*entrando, vestido de toureiro*) O comportamento das raízes na terra pode ser o diabo! (*Dirigindo-se ao público*) Ora vivam lá, seus marotos. (*retomando o fio à meada*) E então fui para casa, acendi a luz da sala e fiquei a olhar para o espelho: abandonaste-me, disse ela censurando-me. Não, respondi eu; tu é que me abandonaste, eu limitei-me a ir-me embora. (*Com um gesto cúmplice de mãos*) Tu é que, etc. Tão a ver a coisa, hem?

(*mudando de tom e dirigindo-se a Estephania*) A senhora não se importava de me aconselhar aqui numa coisa? Ora bem: tá a ver estes dois dedos? Suponha agora que eu os mergulhava... em sangue e lhe fazia... uma cruz na testa, hem?

Estephania – Tudo é solidão

Apenas espero
a confirmação dum beijo pesado e secreto
Em cada gota de sangue
o sangue de todos
contém sementes do meu corpo
um certo sabor
um certo momento tranquilo em redor
de tudo o que corre, esvoaça ou flutua
O escuro faz-se sentir na terra, chovem papéis brancos
com a intensidade possível. Poderíamos, entrementes, ouvir
um som de jazz. Tudo foi concretizado a partir das origens
há uma utilização de suportes imprevisíveis e
agora
por exemplo

a voz torna-se sumida. Pensei amar-te
e afinal era apenas sono tava cá c'uma soneira qu'até as unhas dos dedos dos pés se m'encarquilhavam, carago Vai-s'a ver e na' se tem nada no bolso nem no d'reito nem no 'squerdo, foda-se! (*Chega ao pé de Brunus e acaricia-lhe a face*) E o menino dond'é? Está aqui há muito tempo? (*A cena vai escurecendo até mergulhar na escuridão*)

(Fim do segundo acto)

TERCEIRO ACTO

(A luz ressurge. No espaço, um enorme caixote de papelão. Margarida entra arrastando uma cadeira. Na boca segura com dificuldade a asa de uma pequena cesta de costura. Senta-se, depois de colocar a cadeira a seu modo. Da cesta retira um arco de bordar. Enfia uma agulha)

Margarida – *(bordando)* A compulsão simbólica de pictografias associada à erupção histórica centra definitivamente a cadência do trabalho ulterior na senda dos campos cromáticos... Será, talvez, um regresso à figuração?!... *(Ouve-se um despertador)* – Ho! ho! Ai, ai! Está na hora!...

Arruma tudo sobre a cadeira. Empunha uma tesoura e dirige-se ao caixote. Tenta rasgá-lo, sem grande êxito. Do seu interior, entretanto, sai Thiago.

Margarida – *(com alegria)* Esperava-te!

Thiago – ¿Si?

Margarida – Sim.

Thiago – ¿Verdad?...

Margarida – Há muito tempo. Sabia que virias. As imagens recebidas ajustavam-se perfeitamente à relação entre a personagem extraordinária que tu és e as palavras que tenho vindo a recolher...

Thiago – ¿Es possible?...

Margarida – Sem dúvida.

Thiago – ¿Un juego entre el silencio y la palabra? La clave de lo trágico?...

Margarida – O trágico não é, porém, contemplado pela situação.

Thiago – ¿No?

Margarida – Recorri a um outro olhar que me recordou a tua figura.

Thiago – Igual que las novelas contemporaneas, as sufrido un cambio importante...

Margarida – De facto... Uma vez disseste-me que no jardim das ervas curiosas, donzelas aveludadas e jovens bicéfalos passeavam-se. Retrataavam imagens carregadas de saber universal.

Thiago – La locura, la nada, lo absurdo, lo grotesco y el mito permanecen en este teatro y... yo me marchó. ¡Adiós!...

Margarida – Nem sequer a ilusão?

Thiagus – ¡No!

(Ouve-se um piano, um trovão. Escuro, chuva)

Uma voz feminina – Ai meu senhor... Juro! Esse sémen proveio de ti, de ti proveio a concepção, a plantação do fruto que não é de um forasteiro, nem de um guarda-livros, nem de um fantasma. Tão pouco de um filho do céu...

(Faz-se luz. Entra um Homem)

Homem – *(falando com carregado sotaque alentejano, num tom comicamente obsceno)*

O horizonte torna-se vítreo

pássaros abandonam as árvores

dois amantes cruzam o céu que entretanto mudou de cor

Rompe-se com estrondo

deixando de lá cair anjos e santos

que se estatelam no chão um de cada vez

com um lindo som de plof

Olarilolé

A minha língua percorre todas as manhãs os teus lábios

numa noite assim os amantes inventam sombras

as palavras adquirem elasticidade e

as conversas criam fábulas cor-de-rosa

os corpos rodopiam ao som duma dança celestial

Coisas da memória

para que os nove planetas maiores se encham de música plena

e silêncios diferente

Uma voz – *(num tom cheio de timidez)* Os mais perversos

desenham planos agressivos

palácios

balneários

tabuleiros de xadrez, três quatro bilhares

muitos baralhos um ás de paus e damas infinitas

enquanto outros

cantam docemente

é dia de festa

noite de lua cheia

Os amantes inventam já

sombras e flores

uma bailarina desata aos pinotes enlouquecida

e canta emocionada

secretamente apaixonada pelo maestro

vou pelos mares como um veleiro

sou uma jovem dona de casa

e pinto o sete em todas as ruas

Amado, meu amado, oferece-me um bilhete

de combóio para uma estação do maravilhoso país

onde brilham as estrelas e os grilos entoam em coro

seis ou sete estrofes do Eclesiastes.

Homem – (*abanando a cabeça, concordando inteiramente*) No fim suicida-se.
 Entra agora Estephania como louca,
 chorando desesperadamente
 sobre o corpo do amante
 e diz com a voz estrangulada (*designa Estephania, que entra calmamente, de saia justa ao corpo e mantilha sobre a blusa de seda generosamente decotada, de meias pretas e saltos altos, muito sexy e muito bem disposta, fumando de boquilha e cantarolando*)
 Trrim tim tim, volto-me para mim
 tacteio a luz e viro-me para ti
 olho-me nesse espelho e zás
 pás catrapás que lindo rapaz eu viiiii!
 Dentro das nossas pessoas trrim tim tim
 há uma bela noite bem escuriiinhaaaaa
 e um belo palácio dando para o rio
 onde nos afogamos nos nossos papéis
 ó queridas marias ó queridos manéis
 vestidinho estás que nua estou eu
 nua sou mais corpo quando o corpo teu
 é mais tu mais eu
 é mais eu mais tu
 vai levar no cú
 meu belo zangão
 mortinho mortão
 dlão dlão dlão
 que eu nunca encontrei
 e que nunca vi
 e que por isso estou certa segura que não tem ordenado fixo, porra, chiça, caraças
 és mais do amor que o meu sangue
 quando te possuí na noite
 ah ah ah
 ouve o gemer de alguém que te ama inabalavelmente
 como se fora um aviso desfeito no princípio da noite
 um sinal ritual
 um objecto sensacional
 um gesto tridimensionaaaaaaal! (*fica calmamente a fumar*)

Homem – (*explicando esforçadamente como se o público fosse estúpido*) Também Estephania se suicida, estão a ver?, perceberam o golpe? E p’ra tudo dar certo, compreendem? bebe veneno, enforca-se e dá um tiro no peito, que se abre e revela uma grande rosa branca, enorme, insuportável. O seu lindo rosto fica sem cor, as mamas descaem-lhe e dá um berro de gelar o sangue nas morcelas. Acreditem-me, não foi um espectáculo belo de ver. (*Estephania ri baixinho, com gosto*) Ouve lá ó minha desgraçada, anda um homem a criar uma filha para isto? O teu rosto, sentada frente ao espelho do “boudoir” revelava o mais profundo espanto, os soluços agitavam o teu seio e, finalmente, deixaste pender a fronte sobre as mãos trémulas. (*Rapando, do bolso, um telemóvel que tocara*) Está? Sim, recebi a tua chamada, sim, compreendi perfeitamente mas é tarde
 demasiado tarde
 também eu quero agora abrir as minhas veias

que o nosso sangue se transforme no caudal de um rio de amor. *(desata a rir, cacarejando e torcendo-se)*. Sim, recebi o casaco de peles e a estola, é tudo muito giro. Pronto, até à próxima, um abraço, vai dando notícias. *(Guardando o telemóvel e falando para o público ainda com restos de riso)* Ai, ai, as surpresas que... Enfim, o danado do... Ai, ai! *(sai, ainda rindo intermitentemente)*

Estephania – As sombras, tás a ver inventam uma secreta esperança de se tornarem estrelas e o teatro diluiu-se nas chamas foi um liiiiiiindo um magnífico um espantoso espectáculo e o público correspondeu às expectativas. Disparam-se pistolas, ouvem-se gritos desesperados e nós estamos calmos como recém-nascidos assim, todos esparramados num sofá, de perna aberta à bambalhona, raios partam tudo isto e num país distante sobre a mesa de castanho, numa sala onde dois homens conversam uma flor amarela e violeta destaca-se na sua cor especiosa única dolorosamente bela. *(Baixa a cabeça, derreada e aos trancos e vai saindo de cena devagar. A luz apaga-se)*

(Quando a luz se acende, estão em cena Thiago e Brunus. Este sentado detrás da mesa, aquele um pouco à direita. Fuma nervosamente)

Brunus – Ora então vamos lá recapitular: diz você que estava em casa, seriam umas nove da noite, quando bateram à porta. Pancadas fracas, raspadelas...

Thiago – Sim... Como já disse ao senhor inspector, seriam umas nove horas e eu tinha chegado do emprego, estava a beber uma cerveja, vou para apanhar o maço de tabaco em cima do sofá e... pumba, oiço uma porrada na porta! Primeiro foi uma porrada, só depois é que as batidas se tornaram mais fracas, alguém a raspar com as unhas. Confesso que fiquei acagaçado, ou antes, assim a modos que admirado, percebe? A casa é um bocado isolada, tem um jardimzinho...

Brunus – E então você...

Thiago – É que veja: tinha acabado de acender a televisão, estava a dar aquele programa com aquela filha-da-puta loira muito estúpida... com'ê qu'ela se chama, a ...

Brunus – Deixe lá isso... Prossiga!

Thiago – E como a gaja grita que se farta não percebi bem, podia ser na rua... E eu...

Brunus – Você tem armas em casa?

Thiagus – Uma caçadeira... material italiano dum cano... com cano porta-cartuchos. Leva treze... estilo *shotgun*, uma beleza. Mas não ia pôr-me a abrir a porta com a canhota em punho, de modo que agarrei num *bat* de basebol e fui abrir a porta!

Brunus – E foi então que...

Thiagus – Sim. Apagaram-se as luzes e eu...

Brunus – O amigo desculpe, mas... já tinha suspeitado de alguma coisa... como dizer, não durante os dias anteriores mas... nos meses em que...

Thiagus – Ó senhor inspector!... Uma pessoa... não tá a ver?... Um tipo não pode andar sempre de pé atrás, doutra forma entra em paranóia, que diabo! Eu quando... enfim... E agora ponha-se o senhor no meu lugar. Como é que eu...

Brunus – De facto... Mas assim tanto sangue... Tanto, como dizer...

Thiagus – Mas o pior não foi isso! (*fuma nervosamente, anda dum lado para o outro*) O pior foi que... O senhor inspector, prontos, sabe que o jardimzinho nas traseiras...

Brunus – (*com ironia, nervosamente*) Pois, o jardim... já cá faltava o jardim... De modo que a...

Thiagus – Ó senhor inspector! Quando as luzes se acenderam eu, com o cacete nas unhas... E ao avançar...

Brunus – Fiiiiuuuu! Sim, confesso que também eu, na mesma situação, na mesmíssima situação...

Thiagus – (*sentando-se em frente de Brunus, de costas para o público*) Não é? É que quando se está de fora... mas quando as situações acontecem...

Brunus – Bom. Agora vai ali ao gabinete ao lado e dita tudo para a senhora que o vai atender. Mas isso com calma, hem? Diga tudo calmamente, sem se enervar. Vá lá então.

Thiagus – (*levantando-se*) Óquei. E sobre a outra... coisa... acha que...

Brunus – Eu acho que sim, por mim não há problemas... Mas você é que sabe. Afinal isso...

Thiagus – Sim, tem razão. Obrigado, senhor inspector. Muito e muito obrigado!

Brunus – De nada, pá. Vá lá p'ra casa. Ao fim e ao cabo você é que... não acha?

Thiagus – Com efeito. Então boa noite. E mais uma vez... obrigado. (*Sai, comovido*)

(*Brunus cantarola entredentes, acompanhando o leve solo de flauta. Levanta-se e fica a olhar para o público, de mãos atrás das costas, como se contemplasse o exterior por*

uma janela. A cena vai escurecendo paulatinamente, enquanto a música se esvai, até ficar tudo na escuridão. Então ouve-se um grito de fazer gelar o sangue nas veias)

(Fim do terceiro acto)

FIM DA OPERETA

Novembro/Dezembro de 2003